

*Elogio académico do Doutor José Ángel García-Rodríguez,
proferido pelo Doutor Duarte Nuno Pessoa Vieira, na
cerimónia de doutoramento honoris causa realizada
no dia 30 de Novembro de 2003*

MAGNÍFICO REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MAGNÍFICO REITOR DA UNIVERSIDADE DE SALAMANCA

SENHOR PRESIDENTE DO CONSELHO CIENTÍFICO DA FACULDADE DE MEDICINA DE COIMBRA

SENHOR DECANO DA FACULDADE DE MEDICINA DE SALAMANCA

DIGNÍSSIMAS AUTORIDADES ESPANHOLAS E PORTUGUESAS

SENHORES PROFESSORES

SENHORES ASSISTENTES, INVESTIGADORES E FUNCIONÁRIOS

SENHORES ESTUDANTES

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

Celebrar a cultura e o saber, é inquestionavelmente uma das mais altas missões da universidade. Missão que a Universidade cumpre hoje, uma vez mais, neste culto solene tantas vezes repetido. E cumpre-a na certeza plena que tem, como neste lugar disse há quase um século atrás o Doutor Gonçalves Cerejeira, de que *há cultos que honram não só quem os recebe, mas também quem os presta*.

439

Nesta Sala Grande dos Actos, onde convergem todas as significações e todos os seres, como disse Leite de Campos, falei também eu há alguns anos atrás dos elevados méritos de seis dos meus Mestres, por cuja mão alguns colegas se fizeram então ao largo nesta viagem de aventura sempre renovada que são a docência e a investigação universitárias. Fi-lo na obediência à praxe habitual, por ser então um dos dois doutores mais novos, e na convicção de que essa seria a primeira e última vez que tão honrosa e proveitosa missão me competia. Afinal, aqui estou novamente, fruto de um *desvio aos velhos cânones praxísticos* (como lhe chamou Gomes Canotilho), que os novos tempos e as novas práticas já legitimaram.

Espera-se de mim hoje, o louvor, o elogio do postulante. Todavia, e tal como então afirmei, continuo a pensar que os louvores e os elogios só o são verdadeiramente quando proferidos

por superiores ou por iguais. Por isso não me será possível dar cumprimento cabal à missão que me confiaram. Irei, pois, expor-vos apenas os merecimentos do doutorando, falando dele e da sua circunstância.

Como muitos outros que ao longo de décadas me antecederam nesta fala, faço-o em nome dos Doutores da minha Faculdade. E tal como alguns outros aqui pediram, peço-vos eu hoje também que me esqueçais para ouvir apenas, *no meu testemunho, a voz dos que para além de mim estão* (Leite de Campos).

*

Entendeu a Universidade de Coimbra, por proposta da sua Faculdade de Medicina, distinguir com a láurea doutoral *honoris causa* o Senhor Doutor José Ángel García-Rodríguez, professor catedrático da Universidade de Salamanca e director de Departamento do Hospital Universitário da mesma cidade. É o mais alto galardão que a nossa Universidade confere e o de mais profundo significado. Por isso o reserva apenas para alguns, para aqueles que souberam construir uma vida de assinalável dedicação aos *valores da Ciência, da Cultura e do Homem* (Reis Torgal) e que nesse percurso se distinguiram particularmente, tornando-se dignos deste *símbolo maior da civilização lusíada*, como lhe chamou Miguel Real ao recebê-lo.

García-Rodríguez chega a este acto com a legitimidade de quem a ele foi expressamente chamado. E como todos aqueles que o antecederam, não se apresenta só nem de mãos vazias. Traz consigo um passado de invulgar dignidade científica, percorrido sem alardes, sem desvios e sem transigências; sem cedências à tentação do fácil e do gratuito. Traz consigo uma obra que testemunha um intenso e profícuo labor, uma obra conquistada pelo trabalho persistente, pela criatividade, pela intervenção, pela contínua dedicação. Acompanha-o a memória de todos os seus Mestres, e dos Mestres de seus Mestres, de todos aqueles que, em sucessivas gerações, afinal, o formaram e que nele se reencontram, pois ele os continua. Acompanha-o também a sua Universidade, aqui representada pelo seu Reitor e por vários dos seus colegas.

Falo da Universidade de Salamanca, dessa Universidade tão intimamente ligada à história da medicina em Portugal. Dessa Universidade, onde até aos finais do séc. XVIII, estudaram dezenas de milhares de portugueses que, na primeira metade do séc. XVII, chegaram a totalizar 64% dos alunos de Medicina. Dessa Universidade, onde grandes vultos das nossas ciências médicas ilustraram significativo número de cátedras e da qual vieram Mestres que deram valioso contributo ao seu ensino em Coimbra. Dessa Universidade, que mantém com a cultura Portuguesa um vínculo tão intenso, que justificou o facto de ter sido a primeira Academia Espanhola a contar com um leitor de Português, que leccionou uma disciplina específica de Filologia Portuguesa, a editar em parceria uma revista intitulada *Estudios Portugueses*, a doutorar *honoris causa* um dos nossos prémios Nobel.

Este é, pois, mais um (re)encontro entre as duas mais antigas Universidades da Península, entre culturas universitárias que se entrelaçaram ao longo dos anos e que se em tempos idos temporariamente se afastaram pelas vicissitudes da história, foi para melhor voltarem a encontrar-se no espírito de fraternidade que sempre as animou.

Não sei a origem nem qual a primeira universidade que terá utilizado esta distinção honorífica que na nossa surgiu com os Estatutos de 1918. Mas sei que o acto que aqui solenemente nos congrega é o símbolo do que nos une e, connosco se une também aos que, no decurso dos séculos, nos antecederam nos lugares que agora ocupamos; aqueles cujo exemplo nos alimenta, homens dos quais alguns envelheceram tarde, e outros nunca. Pudéssemos nós ser como alguns desses Mestres de quem temos saudades sem nunca os termos conhecido, desses homens para quem os sonhos nunca faleceram e a luz nunca entardeceu. O que aqui realizamos, é a própria razão de ser da Universidade, um conjunto de valores *difficilmente definíveis e caracterizáveis* (Reis Torgal) que mergulham raízes num espaço e num tempo anteriores à memória.

Esta não é pois uma cerimónia de ostentação, repetitiva, vazia de conteúdo, nem respiração de um passado exausto e obsoleto. Esta não é uma formalidade a eliminar, como vão proclamando os que, por posição de sistemática hostilidade, por frustrações congénitas ou adquiridas, por ressentimentos, pela rejeição de uma estética que implica opções que não são as suas, ou simplesmente por profunda ignorância, dela vão fazendo objecto de detracção ao longo da história e sobretudo no contexto dos exageros de momentos mais conturbados dessa história. Não, não é. Esta é uma cerimónia de intenso valor simbólico, profundamente enraizada no espírito da *Alma Mater*. Uma cerimónia em que simultaneamente se encontram passado, presente e futuro; uma cerimónia que é renovação, antecipação e provocação desse mesmo futuro, simultaneamente conservadora e progressista, que se renova sempre que se repete, sempre semelhante e, todavia, sempre única. Este é um imenso valor cultural a preservar, um acto cuja simbologia faz parte do património comum do cerimonial das velhas universidades, se é que a universidade alguma vez pode ser velha, pois ela será sempre, como lhe chamou Costa Andrade, *santuário de permanente juventude*.

Tenho aliás para mim que são momentos como este que nos fazem sentir que vale a pena. Que vale a pena o esforço que fazemos todos os dias *na tarefa de criar e transmitir* (Vasco Lobo Xavier). Que vale a pena o tempo de solidão, o sacrifício, a renúncia permanente, a luta contínua contra obstáculos e dificuldades, a busca incessante desse *porto sempre por achar*, como diz Pessoa. Que vale a pena esta subida difícil *de uma escarpa que*, (inevitavelmente), *desabará um dia* (quando estivermos) *já perto do cume* (Leite de Campos).

E tenho a certeza de que sempre haverá na nossa Universidade quem ache que vale a pena, pois dentro dela, continuará a surgir, como afirmou Vasco Lobo Xavier, *aquela raça de homens que possuídos de uma elevada consciência das suas funções e dos seus deveres, prosseguem, e não raro por toda uma vida, uma permanente tarefa de pesquisa, de reflexão e de actualização; e que sem descanso cultivam o diálogo didáctico, certamente, mas também, e sobretudo, aquele monólogo interior, tantas vezes atormentado, que é ainda diálogo com o pensamento alheio e com as dúvidas próprias*.

Este é o presente que nos abre o futuro, presente que é sempre a porta entre as irremediabilidades do passado e as perplexidades desse futuro. Este é o seu novo presente Senhor Doutor

García-Rodríguez, que o responsabiliza ainda mais para o futuro, pois para ele se vira. E como disse em 1934, aquando da sua última lição, esse grande vulto da medicina espanhola que foi Miguel de Unamuno: *Es el presente el esfuerzo del pasado por hacerse porvenir, y lo que al mañana no tienda, en el olvido del ayer debe quedarse.*

Esta mesma mensagem terão levado consigo os 34 doutores *honoris causa* até hoje consagrados por proposta da Faculdade de Medicina. Entre eles, é o postulante de hoje o nono espanhol a quem a minha Faculdade atribui tão elevada distinção, a qual pela quarta vez consecutiva recai sobre personalidade da medicina espanhola (ou que a ela têm dado valioso contributo), num historial onde figuram nomes que *brilham alto e forte no firmamento médico*, como os de Gregorio Marañón, Santiago Dexeus Trias, Manuel Sanches Salorio ou Luís Concheiro Carro, para salientar apenas alguns.

Vive a Universidade um *tempo de esperanças e tempo de complexidades*, como afirmou recentemente desde lugar o Doutor Aníbal Pinto de Castro, na abertura solene do presente ano académico. Atravessa aliás no momento actual, (mais) um tempo de perturbação que, como sempre, alguns aproveitam nos ataques que periodicamente dirigem à instituição universitária. Mas que isso não nos cause apreensão. Parafraseando de novo a lucidez aguda do Doutor Vasco Lobo Xavier, diria que enquanto a Universidade *mantiver a capacidade para gerar espíritos devotados, insatisfeitos e criadores, será o bastante para podermos continuar com tranquila consciência, e tranquilos quanto ao seu futuro.*

Acresce que a Universidade de Coimbra tem projectos claros para esse futuro, projectos que ao Magnífico Reitor compete liderar com a legitimidade de quem para tal foi democraticamente mandatado. Ora a ser verdade o que o Doutor Júlio Feroso, ex-Reitor da Universidade de Salamanca (e que aliás também vejo presente nesta sala), escreveu recentemente, dizendo que *Para tener un futuro que alcanzar se precisa primero plantearlo, hacerlo explicito* e que *No tener proyecto es carecer de rumbo y el futuro será de otros, mientras nos quedamos con el azar y con lo que otros decidan para nosotros*, concludindo assim que *Nuestro enemigo sólo puede ser nuestra incapacidad de programar claros proyectos para ese futuro que ya está aquí*, a ser verdade isto dizia, então ainda mais tranquilos ficaremos, pois esta incapacidade é um inimigo que a Universidade de Coimbra nunca terá.

Mas não é sobre isto que venho falar e, por isso, sobre isto não haverá lugar nesta fala, até por inadequado ao tempo, ao lugar e, sobretudo, à circunstância.

*

Venho falar-vos, sim, de uma personalidade universitária de que haverá sempre a dizer, para proveito e exemplo, de alguém que enlaça a teoria com a prática, o pensamento com a acção, de alguém que se empenhou e empenha a fundo nas suas tarefas, de alguém que tem acompanhado os novos rumos do pensamento científico, que se esforça diariamente por honrar a sua escola e a memória dos seus predecessores.

Venho falar-vos de José Ángel García-Rodríguez, nascido em Alba de Tormes (Salamanca) no ano de 1940. Cidade onde foi escolar de medicina e na qual, em 1964, concluiu o seu curso.

Cidade onde, dois anos depois, exercia já funções docentes como professor adjunto no âmbito da microbiologia e da parasitologia; onde em 1967, três anos após a licenciatura, obteve o grau de doutor, para logo no ano seguinte, em 1968, se tornar chefe de serviço de Microbiologia do Hospital Clínico. Quatro anos mais tarde, em 1972, chega, na sequência de concurso público, a Professor Agregado de Higiene y Sanidad, Microbiologia y Parasitologia da Faculdade de Medicina da Universidade Complutense de Madrid, para no curto espaço de apenas mais um ano, no ritmo intenso de progressão académica que sempre caracterizou a sua carreira, atingir a cátedra de Microbiologia e Parasitologia da Faculdade de Medicina da sua Universidade de origem e de sempre, a Universidade de Salamanca. A esta cátedra associa, a partir de 1975, a Direcção do Departamento Hospitalar de Microbiologia y Epidemiología do Hospital Clínico Universitário de Salamanca, na sequência da conjugação que sempre soube manter entre prática clínica e saber teórico, assim valorizando e dignificando um e outro.

Bolseiro por diversas vezes de distintas instituições, entre as quais destaco a Organização Mundial de Saúde, procurou consolidar e ampliar a sua formação técnico-científica nos domínios da microbiologia, da virologia e da parasitologia, através da concretização de estudos e de investigação em alguns prestigiados centros internacionais da época, sobretudo em França, onde no decurso da segunda metade da década de sessenta e da primeira metade dos anos setenta, estagia sucessivamente. A Faculdade de Medicina de Lyon, a Faculdade de Farmácia da Universidade de Lille, o Instituto Pasteur desta cidade, foram alguns dos centros que então frequentou.

Integrando-se entre aqueles que entendem que a cátedra *não é lugar de repouso e garantia de infalibilidade* (Vasco Lobo Xavier), não descurou nunca a sua formação contínua, mantendo uma perspectiva profissional (e ética também) de permanente actualização. São disso testemunho a sua contínua permeabilidade a novas práticas e terapêuticas, bem como outros estágios concretizados já em fase consolidada da sua carreira, entre os quais assinalo, a título de mero exemplo, o estágio feito no St. Thomas Hospital de Londres.

No decurso do seu já longo e profícuo magistério, muitas foram as funções que exerceu. Funções de índole académica, nomeadamente como Vice-Decano e Decano da Faculdade de Medicina da Universidade de Salamanca, Subdirector e Director do seu Departamento de Medicina Preventiva, Saúde Pública e Microbiologia Médica, Presidente da Comissão de Gestão da Escola Universitária de Enfermagem de Salamanca, ou como Secretário-Geral e Vice-Reitor da Universidade de Salamanca, para assinalar apenas algumas.

Funções de índole clínica, nomeadamente as de Presidente da Comissão Nacional da Especialidade de Microbiologia y Parasitologia, de Presidente do Comité Científico Espanhol do Síndrome de Insuficiência Respiratória Aguda, de representante da Organización Médico Colegial na Comissão Nacional Espanhola de Microbiologia e Parasitologia ou de Presidente da Junta de Governo do Hospital Clínico Universitário de Salamanca, para já não falar noutros diversos cargos hospitalares como médico e Director de Departamento.

Funções ainda no domínio da investigação científica, entra as quais apenas menciono as de Director do Instituto de Investigações Clínicas de Salamanca as de Presidente da Comissão

de Coordenação para a Investigação entre a Universidade de Salamanca e o INSALUD, e as de Vice-Reitor de Investigação que foi desta mesma Universidade.

Aliás, a investigação científica constitui uma vertente importante da vida profissional de García-Rodriguez, que tem participado como investigador em numerosos projectos subsidiados pelas mais diversas instituições, e em muitos deles com a posição de investigador principal, numa actividade iniciada na década de 70 e desde então intensa e ininterrupta, e sempre no âmbito das suas áreas de eleição, a microbiologia, a virologia e a parasitologia.

Deste seu pendor para a investigação nos dão igualmente conta as 40 teses de doutoramento que orientou até hoje, algumas até noutros domínios que não a medicina e oito delas galardoadas com o prémio extraordinário que em Espanha distingue anualmente as melhores. Teses de doutoramento a que acrescem mais 44 de licenciatura — possibilidade que as Universidades Espanholas mantêm em regime voluntário (no que aliás constituem exemplo que deveríamos meditar) — diversas delas também merecedoras de prémio extraordinário.

Dessa actividade no domínio da investigação, dá-nos ainda conta a sua presença assídua nas páginas das mais prestigiadas revistas científicas internacionais da sua especialidade. O *European Journal of Epidemiology*, o *American Journal of Tropical Medicine and Higiene*, o *Journal of Antimicrobiological Chemotherapy*, o *Journal of Applied Bacteriology* ou o *European Journal of Clinical Microbiology and Infectious Diseases*, são apenas alguns exemplos das revistas de índole internacional onde podemos encontrar um conjunto de cerca centena e meia de publicações suas. Publicações em que, à luz de uma visão integradora dos assuntos, aborda problemas difíceis, num permanente sentido de aproximação à verdade científica e ética, num contínuo respeito do princípio de Rabelais de que *science sans conscience n'est que ruine de l'ame*.

Publicações internacionais efectuadas sem descurar a sua obrigação de, como médico e académico espanhol, colaborar também na actividade editorial científica do seu próprio país, em cujas páginas deu até hoje à estampa perto de três centenas de estudos. E não se fica por aqui a sua valiosa actividade editorial, devendo ainda assinalar-se a circunstância de ser editor e/ou autor de 18 livros e monografias, essencialmente no domínio da microbiologia, e autor de 75 capítulos de livros editados no seu país e no estrangeiro, alguns deles pelas mais conceituadas editoras internacionais, e que testemunham a sua actividade de autor sem paragem nem repouso.

Não disponho obviamente de tempo para me deter nos variadíssimos assuntos tratados pelo doutorando na obra escrita que até hoje produziu, onde se contam, para além de assinaláveis estudos de investigação, vigorosas exposições de índole didáctica e doutrinal. Nem disponho do conhecimento necessário para me debruçar sobre muitos deles. Mas o que posso afirmar, até porque disso dão público testemunho os cultores da mesma área e as referências que os seus trabalhos suscitam na literatura científica, é que para além de estarem envolvidos por uma assinalável lucidez e humildade, são estudos que conciliam o rigor com a clareza, em que os assuntos são abordados à luz de uma cuidada ponderação e de uma minuciosa análise das questões, envolvidos por uma intensa e penetrante reflexão, perpassados por uma fina

agudeza crítica e sempre sustentados numa ampla mobilização da literatura especializada, no confronto esclarecido com o pensamento alheio. Estudos que têm ajudado a movimentar as fronteiras do saber, e sempre, rigorosamente sempre, sem a influência de ideias preconcebidas, ainda que o autor permaneça firme nas suas crenças e convicções pessoais. Talvez por ter estagiado no Instituto Pasteur tenha interiorizado princípios dessa grande figura que lhe deu o nome e que sempre dizia: *Quando entro no laboratório deixo à porta todas as minhas crenças; quando saio retomo-as.*

Viajante infatigável, participou García-Rodríguez em quase centena e meia de congressos e reuniões científicas de âmbito internacional, nas quatro partidas do mundo (da Alemanha à Venezuela, da África do Sul aos Estados Unidos, do Japão a Israel). Neles apresentou inúmeras comunicações e proferiu dezenas de conferências sobre os mais diversos temas da sua especialidade. Conferências meditadas e ricas, sobre assuntos de aguda actualidade, exposições incisivas e rigorosas nas quais suscita frequentemente questões novas e propõe soluções originais, sem oferecer certezas absolutas porque, como verdadeiro cientista, as não tem. E entre os países que têm beneficiado do seu contributo está Portugal, onde fala pela primeira vez no ano de 1968, abordando então a etiologia das infecções bacterianas nas vias urinárias no âmbito de um Congresso Luso-Espanhol que decorreu em Lisboa, país a que regressa em 1979 como conferencista, a convite do Prof. Henrique Lecour e no âmbito das 2.^{as} Jornadas de Doenças Infecciosas, iniciando a partir de então uma colaboração regular com colegas Portugueses, que tem mantido ininterruptamente.

Como é óbvio, também no seu próprio país é palestrante continuamente solicitado pelas mais variadas instituições e associações, solicitações que não são menos intensas no âmbito da docência dos mais variados cursos, e que, neste particular, lhe chegam também do estrangeiro, com destaque para a América do Sul.

Do ponto de vista científico, deve ainda assinalar-se a sua situação de membro de numerosas sociedades, entre as quais as mais prestigiadas na sua área de trabalho, como a *British Society for Antimicrobial Chemotherapy*, a *European Society of Clinical Microbiology*, a *International Society of Chemotherapy* ou a *Hospital Infection Society*, e a circunstância de ter exercido função dirigentes em algumas delas, nomeadamente a presidência da *Federation of European Societies for Chemotherapy and for Infection*, bem como o facto de ser actualmente Presidente da Sociedade Espanhola de Quimioterapia. Deve assinalar-se também o facto de integrar os comités de redacção, comités editoriais ou comités científicos de quase duas dezenas e meia de revistas científicas, entre elas algumas das mais prestigiadas da sua área, de poderei citar, uma vez mais a título de exemplo, o *Journal of Antimicrobial Chemotherapy*, o *Journal of Clinical Infectious Diseases* ou o *Infectious Diseases in Clinical Practice*, e o facto de ter organizado e presidido a diversos eventos científicos, uns de índole nacional, outros internacionais, como o *European Congress of Chemotherapy*.

Ao longo do longo caminho que já percorreu, García-Rodríguez teve ainda tempo para acolher, formar e promover discípulos, transformando-os, para utilizar expressão feliz de Costa

Andrade, *em companheiros de viagem, em fontes de novos desafios e de crítica criadora*. E os discípulos companheiros são a melhor recompensa a que um professor pode aspirar. Seis deles, um infelizmente já falecido, atingiram entretanto a cátedra e exercem funções um pouco por toda Espanha: na Universidade Complutense de Madrid, na Universidade de Múrcia, na Universidade da Extremadura, na Universidade de Las Palmas de Gran Canaria, na sua própria Universidade. Fizeram alguns questão de o acompanhar hoje, trazendo-lhe o calor do seu afecto, o carinho da sua significativa presença. Sentimentos que igualmente trouxeram a esta solenidade, os familiares, colegas e amigos, que aqui também não faltam.

O trajecto de García-Rodríguez tem sido pois um trajecto de excepção. Não admiram por isso os múltiplos prémios e distinções que lhe foram atribuídos, de diversos níveis e significados, entre os quais, por razões de tempo, me limito a salientar o Prémio Bristol de Investigação, o prémio da Real Academia Nacional de Medicina de Espanha, a Comenda da Ordem Civil de Sanidad por mérito sanitário ou a atribuição do grau de Académico de número, na especialidade de Microbiologia e Higiene, da Real Academia de Medicina de Salamanca e que é, do meu ponto de vista pessoal, uma das distinções mais relevantes a que um universitário pode aspirar.

Dito tudo isto, que mais dizer-vos de um homem que tem buscado continuamente o melhor de si, de um homem que, tal como defendia esse imenso vulto da nossa universidade que foi Ferrer Correia, perante cuja memória me curvo reverente, tem pautado o seu posicionamento pela «*a impressão de haver melhor em mim do que eu*». De um homem que, tal como ainda defendia Ferrer Correia, tem procurado não tanto «*ter mais*», mas sim e sobretudo «*ser mais*» e «*ser melhor*». De um homem que é senhor de uma obra científica ampla e de grande valimento, que traduz inequivocamente a procura de um conhecer mais certo e mais alto; de um homem com um passado de dedicação ao ensino, à investigação, ao intercâmbio e divulgação científicos, à preparação e acompanhamento de discípulos, um passado percorrido sempre com grande dignidade e abrangendo até por vezes domínios da medicina um pouco mais distantes da sua especialidade de eleição. Fazendo-o sempre com entusiasmo e esperança e dominando continuamente essa *arte, hoje tão esquecida e vilipendiada, de ser universitário*, para parafrasear, uma vez mais, Aníbal Pinto de Castro. De um homem que tem conjugado, com particular elevação e brilho, o estudo, o ensino, a prática clínica, o agir e o mandar. De alguém que é, indiscutivelmente, um dos expoentes actuais da medicina espanhola, medicina da qual muitos de nós, e eu particularmente, retirámos e retiramos ensinamentos e inspiração.

*

Falei-vos dos merecimentos de García-Rodríguez. Paraninfa o acto e recomenda esses merecimentos, em consonância com a velhas fórmulas estatutárias, o Senhor Doutor Meliço-Silvestre, que daqui saúdo com respeitoso afecto e apreço.

Em conformidade com os cânones da praxe que nos rege, a outra voz que não a minha, competirá o elogio do apresentante. Será uma voz bem mais forte e de muito melhor timbre a que vos irá falar de Meliço-Silvestre e da sua particular compleição. Dir-vos-á certamente do amplo espectro dos seus desdobrados interesses. Falar-vos-á de um homem que não foi feito

para um dia a dia entorpecido e cinzento, de um homem de paixões, vibrátil e absorvente; de um médico que escuta a vida e os seus problemas reais, de um cidadão empenhado e interventivo, de um pensador agitado e imaginativo, de um académico inquieto e que sabe inquietar, de uma personalidade que sempre anima o diálogo e suscita o debate (que aliás pratica com gosto e mestria), de uma personalidade por vezes polémica e complexa, porque senhor de uma visão rasgada e prospectiva, de um homem que não usa o laconismo como sistema, que para muitos mais não é que recurso de comodidade ou refúgio de incertezas. Falar-vos-á ainda de um homem capaz de reconhecer, sem reticências, o valor alheio, mas também as suas próprias virtudes e defeitos. E assumindo-se nelas por inteiro. Sem tibiezas nem ambiguidades. Marcante também por isso.

Magnífico Reitor

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Creio ter dito o bastante. Se das coisas grandes se deve falar pouco, como dizia Santo António de Lisboa, continuar, seria porventura correr o risco de desbotar ainda mais, com as insuficiências do meu verbo, as cores fortes que retratam o postulante de hoje, o Senhor Doutor José Ángel García-Rodríguez.

Atingida pois a *estreiteza do tempo* que de acordo com as nossas praxes devem caracterizar esta fala, é assim tempo de vencer a tentação de ir mais longe e de dar voz ao silêncio.

A Universidade de Coimbra *é um dos cumes espirituais do ocidente*, disse um dia nesta sala um dos seus doutores *honoris causa* no discurso de aceitação. Resulta isso da sua longa peregrinação rumo ao conhecimento nascida do impulso de alma que atinge todos os que ela dedicam a sua vida. Também García-Rodríguez sentiu esse impulso de alma e peregrina nos caminhos do conhecimento há longo tempo, numa real vocação universitária. É por isso, pela sua personalidade científica, académica e humana, intrinsecamente um homem de Coimbra, da Universidade de Coimbra, numa ligação que não nasceu de uma comunhão de sangue, mas de uma identificação pelos mesmos ideais e de uma devoção aos mesmos valores. Um homem prestigiado e que prestigia, um intelectual comprometido e que sabe comprometer, um médico e cidadão atento, preocupado e empenhado, um académico que tem honrado a sua Escola de origem e que, a partir de hoje, honrará certamente também a nossa.

É por tudo isto, e porque os merecimentos que vos expus reforçam a justeza deste acto, sustentando a causa que aqui apresento e represento, porque mostram que García-Rodríguez era já efectivamente um dos nossos, que vos peço apenas, Magnífico Reitor, que hoje o confirmeis formalmente, procedendo à sua sagração, conferindo-lhe as insígnias da graduação doutoral por Coimbra.

Ao fazê-lo, estareis simultaneamente a testemunhar o apreço e a amizade fraterna que temos por Salamanca, pela sua Universidade, estreitando mais ainda os laços fortes que nos unem desde há muito; ao fazê-lo, estareis ainda a testemunhar simultaneamente o entendimento entre dois povos e duas nações unidas pela geografia, pelo passado, pelo presente, pelo futuro e,

sobretudo, pelo espírito. Duas nações que sempre partilharam a mesma sina, a *sina* (para utilizar figura de Miguel Torga) de *não caber no berço*.

E afinal, uma vez mais, ao honrar García-Rodríguez, a Universidade honra-se a si própria, tal como dizia no princípio desta minha fala, porque foi pelos valores do talento, da ciência e da cultura a que aludi inicialmente, que a Universidade nasceu, porque é por eles que pulsa, porque é por eles que vive.